

A RELEVÂNCIA EM SE TRABALHAR A LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Jurandir de Almeida Araújo¹

Rossival Sampaio Morais²

Resumo: A literatura infantil afro-brasileira, se usada como instrumento de valorização e construção de uma identidade étnica e cultural positiva, pode ser uma importante aliada na desconstrução de estereótipos racistas que permeiam a sociedade brasileira desde os primórdios da construção do Brasil. O artigo ora apresentado tem como objetivo trazer para a discussão/reflexão a relevância desta literatura no processo de socialização das crianças no contexto da educação infantil. Acreditamos que esta, contribuirá significativamente para o aumento da autoestima e formação identitária das crianças negras, assim como para a valorização da história e culturas africanas e afrobrasileira e no combate ao racismo, que de forma sutil, velado e silencioso se faz presente no cotidiano dos sujeitos e em todos os espaços sociais, entre esses, o espaço escolar.

Palavras-chave: Crianças Negras: Educação Infantil: Literatura Afro-Brasileira.

Introdução

No universo literário infanto-juvenil, o pequeno leitor se reconhece ou se estranha nos modelos de ambientes, emoções e personagens transmitidos, já que a produção artístico-literária encena jogos simbólicos.
(PEIXOTO, 2013. p. 81).

A Educação Infantil é uma fase que transita entre 0 e 6 anos de idade, conforme regulamento do Ministério da Educação e Cultura - MEC. Nessa etapa da educação formal, os alunos expressam suas emoções e se comunicam de diversas formas, sendo a oralidade a mais corriqueira, e uma das formas de expressão mais importante e frequentemente utilizada para trabalhar com as crianças.

¹ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Graduado em Pedagogia pela UNEB. Membro do Grupo de Pesquisa Educação, Desigualdade e Diversidade e da Associação Brasileira de Pesquisadores (as) pela Justiça Social – ABRAPPS. Professor Formador do Curso de História EaD da UNEB. E-mail: juran-araujo@hotmail.com

² Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela FACIBA. Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB, e em Letras Vernáculas pela FTC. Professor da Rede Municipal de Ensino de Salvador - BA. E-mail: ita.morais@hotmail.com

No contexto da educação infantil, a criança deve ser vista como um sujeito não apenas biológico, mas, sobretudo histórico, social e cultural (VYGOTSKY, 1998). Na concepção Vygotskyana de aprendizagem, o indivíduo é sujeito da sua ação sobre o ambiente em que vive, e a aprendizagem um processo que acontece por meio da internalização dos conhecimentos adquiridos por ele durante a interação com o meio físico, os objetos e, principalmente, com o outro. Na mesma direção, Santana (2006, p. 30) enfatiza que:

É com o outro, pelos gestos, pelas palavras, pelos toques e olhares que a criança constituirá sua identidade e será capaz de representar o mundo atribuindo significados a tudo que a cerca. Seus conceitos e valores sobre a vida, o belo, o bom, o mal, o feio, entre outras coisas, começam a se constituir nesse período.

Nessa perspectiva, Peixoto (2013, p. 81) enfatiza que “a criança, no processo de se construir cidadã, introjeta crenças e padrões, mas também refaz, reconstrói e ressignifica valores em relação a si mesma e à sociedade onde interage”. Logo, como nos chama a atenção Cavalleiro (2001, p. 46), “uma escola que não considere as especificidades da criança coloca em jogo não só o mundo a ser interiorizado pela criança, mas, principalmente, o seu lugar nesse mundo, o lugar de seu grupo social e, sobretudo, a sua própria existência”.

Complementado o pensamento de Cavalleiro, Santana (2006, p. 30) salienta que “cada momento da vida apresenta suas especificidades, requerendo de quem lida com o ser humano uma atenção especial às necessidades que caracterizam cada momento”. Assim, em todos os espaços sociais, principalmente, na Educação Infantil, as diversas formas da criança se expressar devem ser levadas em consideração, uma vez que, trata-se de uma fase em que a criança passa a ter um contato maior com outros sujeitos fora do círculo familiar. Uma fase de socialização e de experimentação típicos do período psicológico em que ela se encontra, no qual as formas de expressão mais comuns são os jogos simbólicos, a linguagem, a imitação e o desenho.

Para Borsa (2007), um dos objetivos mais importantes no processo de socialização é a criança aprender o que é considerado correto e o que se julga incorreto no meio social onde convive, de forma que na interação com o outro possa alcançar um nível elevado de conhecimento dos valores morais que regem a



sociedade e se comporte de acordo com eles. Assim, esse processo contínuo de construção, socialização e interiorização de conceitos, de valores e de costumes influencia na subjetividade e na construção da identidade da criança. Nesse processo, a literatura infantil³ é de suma importância para a aquisição de conhecimentos, recreação e na construção de valores. Na Educação Infantil, por exemplo, a literatura infantil traz reflexões de fortalecimento identitário que auxiliam na construção da identidade da criança e na socialização.

A construção da identidade, como se pode perceber, dá-se nas relações sociais, em uma relação dialética entre o indivíduo e o grupo social. Como ressalta Couche (1999, p. 5), “a identidade é sempre uma negociação entre uma ‘auto-identidade’ - definida por si mesma e uma ‘hetero-identidade’ - definida pelos outros. A situação relacional entre ambas é que vai legitimar de forma positiva ou negativa, a auto-identidade”. Logo, os livros de literatura infantil representam esta “hetero-identidade” de que fala Couche, na citação acima, e expressa simbolicamente o olhar do outro, visão de mundo e auxiliam no processo de construção identitária.

Acreditamos que quando as referências das literaturas infantis são semelhantes à da criança, onde esta percebe suas características físicas e/ou fenotípicas aparecem nas tramas de forma positiva, contribui expressivamente para o aumento da autoestima, na formação da identidade social e individual, na construção de conceitos e na interação como o outro. Na escola, por exemplo, contribuirá para a criança se sentir mais motivada e incluída no ambiente escolar e no processo educativo. Cavalleiro (2005), Santana (2006), entre outros, apontam que a criança negra, em geral, nega-se perante o outro por não perceber na historiografia oficial a história do seu povo e seus aspectos culturais, principalmente, pela invisibilidade da sua cultura no currículo escolar e nos materiais didáticos.

Portanto, a Literatura Afro-Brasileira, se usada de forma comprometida, tendo como princípio básico a desconstrução de estereótipos e preconceitos racistas, arrigados no seio da sociedade brasileira desde que os primeiros africanos foram tirados das suas terras de origem, no continente africano, e para cá trazidos à força e escravizados, pode ser uma grande aliada no despertar da subjetividade infantil; na formação da identidade étnica-racial; na valorização da cultura negra e de

³ Entendemos por literatura infantil qualquer literatura que objetiva desenvolver a mente e a personalidade da criança e não só divertir e informar, que tenha significado para a criança e transmita experiências de vida, como salienta Bettelheim (2002).



combate ao racismo, que desde a mais tenra idade já começam a ser reproduzido por meios de comportamentos e atitudes racistas, geralmente, vistos pelos profissionais que atuam na escola como brincadeiras inocentes.

Assim, o presente artigo tem como objetivos trazer para a discussão/reflexão a relevância em se trabalhar com a literatura infantil afro-brasileira na Educação Infantil, partindo do pressuposto de que a literatura tem papel importante no desenvolvimento intelectual e social da criança. Embasado nos estudos de autores que discutem a temática, tais como: Bettelheim (2002), Mariosa e Reis (2011), Mérian (2008), Jovino (2006), Peixoto (2013), Silva (2010), e outros.

O texto ora apresentado está dividido em quatro tópicos, além dessa introdução. No primeiro, enfocaremos na importância da contação de história e da literatura infantil para as crianças, em particular, no espaço da educação infantil formal. No segundo, abordaremos a relevância em se trabalhar com essa literatura na escola. No terceiro tópico discutiremos sobre os desafios e perspectivas do uso da literatura infantil afro-brasileira no ambiente escolar. No quarto e último, as considerações finais, retomaremos algumas questões arroladas no texto e as possíveis estratégias de superação destas.

Contação de Histórias e Literatura Infantil

A contação de histórias é um dos meios mais antigos de interação humana, usada desde os primórdios da humanidade para transmitir valores morais, conhecimentos; para estimular a imaginação e a fantasia; e, contemporaneamente, para disciplinar e desenvolver o interesse pela leitura. Necessidades basilares do homem. Para Abramovich (1993), a contação de histórias é o primeiro contato da criança com um texto e é, também, onde se inicia a possibilidade de sentir as emoções. Acrescenta ainda: “ah, como é importante para a formação de qualquer leitor ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo” (ABRAMOVICH, 1993, p. 16).

Segundo Cunha (2003) a Literatura Infantil surge dos contos populares, que se tornaram o bojo de inspiração de muitos autores atualmente reconhecidos. Neste



sentido, Arroyo (1990) comenta que esta é a principal razão de se considerar a contação de história a gênese da Literatura.

Amarilha (1997) defende que o acesso à contação de histórias promove condições da criança desenvolver sua habilidade discursiva, quando lhe é conferida a possibilidade de recontar a história, desenhar e identificar os personagens e outras formas de representação. E enquanto é contada a história o ouvinte (a criança) é levado a comportar-se com tão grande fascínio que vai sendo envolvido para o livro e para o silêncio, que, segundo a autora, são comportamentos comuns somente aos que conseguem exercer com o livro grande intimidade.

Na arte de contar histórias estão implicadas algumas atenções, a exemplo da escolha daquilo que se vai contar e a quem se vai contar. Coelho (2000, p. 153) salienta que a Literatura Contemporânea tem considerado o ato de contar história como “o ato de criar através da palavra”. Pondera que há o narrador dialógico (ou dialético) que tem como principal característica provocar e dirigir-se ao quem escuta chamando-o a participar, a interagir com o texto. “Um eu-narrador que se dirige continuamente a um tu, a alguém que, entretanto, não se faz ouvir na superfície da narrativa, mas de certa forma a provoca” (COELHO, 2000, p. 68).

Complementando o Pensamento de Coelho, Abramovich (1993, p. 23) enfatiza que “o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto!”. Portanto, essa perspectiva de estimular e envolver a criança a participar da história que está sendo contada deve estar presente na metodologia do/a professor/a que utiliza a contação de história em sua atividade na sala de aula. Por outras palavras, o/a professor/a, ao contar uma história, deve envolver a criança e fazê-la identificar-se com os personagens. Pois, ao interagir com a história, a criança passa a despertar emoções como se estivesse vivendo o que ali lhe é narrado, permitindo que, através da imaginação, exercite a capacidade de resolução de situações cotidianas.

Após contar a história, a criança deve ser estimulada a recontá-la, e, para tanto, é preciso que se dê tempo para ela pensar e possa dar outro final à história, crescente e/ou modifique. Um exercício para desenvolver na criança o poder de imaginação e de observação, ressaltando que as pausas que a criança faz refletem o momento em que o interdiscurso ouvido passa gradativamente a fazer parte do



intradiscurso (COELHO, 1991). Quando reconta, a criança estabelece uma relação entre o fantasioso e a realidade e demonstra interesse durante essa atividade. A criança de 3 a 6 anos de idade, por exemplo, encontra-se na fase mágica, fase marcada pelo interesse, pelo faz-de-conta e expectativas de que tudo se resolve a partir de toques mágicos. Este é um período em que a criança solicita o “conte outra vez”, o tempo das repetições e interesse por histórias de fadas, pelo elemento maravilhoso que possui (COELHO, 1991).

Sobre a temática contar/recontar, Silva e Vilar (2002) nos diz que no exercício de contar história não existe apenas uma continuidade na ação, mas também uma reversibilidade de papéis. O/a professor/a contador/a de história, de início, tem o poder do saber e do organizar e de definir o que, como, quando e onde contar, no entanto, terminada essa etapa, o aluno passa a ser o sujeito da ação e não mais o/a professor/a. Acrescenta ainda que em qualquer faixa-etária, por mais que os comandos sejam os mesmos em um universo de sala de aula, “lida-se, querendo ou não, com o elemento surpresa, que é a singularidade de cada pessoa”, manifesto na forma do sujeito perceber e captar o mundo, nas suas experiências atreladas ao contexto imediato, e na intertextualidade expressa na fala ou na escrita do recontador (SILVA; VILAR, 2002, p. 61).

A atividade de contar e de recontar história auxilia a criança a desenvolver e reorganizar seus esquemas, e permite que ela construa seus sentidos enquanto expõe e desenvolve habilidades significativas para o seu desenvolvimento. De acordo com Silva (2010) a literatura tem papel importante para a humanidade, é a partir dela que podemos unir os mitos fundamentais da comunidade, de seu imaginário e/ou de sua ideologia. Acrescenta ainda que nas atividades educativas “a literatura oral e escrita assume uma parcela prioritária na formação do indivíduo, pois a partir dos contos é possível repassar uma história real, seja escrita nos dias atuais ou mesmo há séculos, como relata as histórias míticas e religiosas” (SILVA, 2010, p. 04).

Portanto, a literatura infantil atrelada ao ato de contar história, na educação infantil, funciona como importantes meio de socialização, de construção da identidade, de transmissão de valores morais e culturais e na formulação de conceitos e no desenvolvimento cognitivo. Daí a relevância em se trabalhar a



literatura infantil afro-brasileira no ambiente educacional, bem como no círculo familiar e outros espaços.

Porque trabalhar a Literatura Infantil Afro-Brasileira no contexto da sala de aula?

Nós brasileiros, independente de classificação cor/raça, somos todos filhos de uma estrutura social racista, onde desde criança nos é inculcada uma série de crenças, valores e estereótipos negativos sobre o negro e sua cultura, que se não forem trabalhados e desconstruídos, desde a mais tenra idade, seguirá sendo reproduzida por várias outras gerações seguintes.

Mesmo com estudos e pesquisas, Araújo (2011, 2009), Cavalleiro (2001), Santana (2006), entre outros, que revelam situações de racismo e atitude racistas entre as crianças no ambiente escolar, a concepção que grande parte das pessoas e dos profissionais da educação ainda tem da criança é a de um ser puro; incapaz de assimilar e reproduzir preconceitos; internalizar sentimentos de repúdio e intolerância para com as diferenças; nulo de valores sócio-culturais que só os adultos possuem. Para Santana (2006, p. 32) “uma concepção de infância como um período de ingenuidade, inocência, da facilidade de modelação do caráter”.

No entanto, como já sinalizado, nos primeiros seis anos de vida as criança começa a internalizar valores e conceitos necessários na formação da sua identidade. E, segundo Santana (2006, p. 44), possui uma natureza singular que a caracteriza com um ser que sente e pensa “o mundo de um jeito próprio”. É, também, nos primeiros seis anos de vida que a criança passa a descobrir o seu lugar no mundo, como interagir e sobreviver nele. A formar sua identidade, pois, como assinala Hall (2006, p. 38), “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”.

Complementando a afirmação de Hall, Mariosa e Reis (2011, p. 46) ressaltam que “a construção da identidade do indivíduo inicia-se na sua infância e vai sofrer influência de todos os referenciais com os quais ele irá se deparar ao longo de sua



história. Sejam positivos ou negativos”. Neste sentido, ainda de acordo com os autores citados, a construção da identidade da criança inevitavelmente perpassa pelos referenciais a ela apresentada, a exemplo dos brinquedos, dos personagens de desenhos animados e das histórias infantis. Histórias essas que pode ocorrer de duas formas, através da oralidade ou dos livros. E, em ambas as formas, geralmente, a criança irá se deparar com heróis, mocinhas, príncipes e princesas, fadas e outros personagens principais, todos brancos e de origem europeia, levando-a acreditar que os padrões do belo e do bom são esses narrados ou que ela vê nos livros infantis. O que leva a criança branca a se identificar e pensar superior as outras, a estar em uma posição privilegiada em relação às demais etnias. Alimentando na criança negra a imagem de que é inferior e inadequada, a crescer com a ideia introjetada de branqueamento, de que só será aceita se se aproximar dos referenciais estabelecidos pelos brancos. Logo, trabalhar com a literatura infantil afro-brasileira, “onde os heróis são referenciais em histórias como protagonistas negros, pode contribuir, tanto para a construção da identidade e da auto-estima de crianças negras como para a valorização da convivência na diversidade com a criança branca” (MARIOSIA; REIS, 2011, p. 43).

Trabalhar a literatura infantil afro-brasileira, no contexto da sala de aula, contribuirá significativamente para romper com esse modelo educacional eurocêntrico e monocultural que privilegia apenas os saberes e a cultura europeia, ou seja, da cultura hegemônica. Nessa perspectiva, Silva (2010, p. 35) observa que.

Uma literatura com proposta de representação do negro, que rompa com esses lugares de saber, possa trazer imagens enriquecedoras, pois a beleza das imagens e o negro como protagonista são exemplos favoráveis à construção de uma identidade e uma autoestima. Isto pode desenvolver um orgulho, nos negros, de serem quem são, de sua história, de sua cultura.

Corroborando com o pensamento de Silva, Barreiros (2010, p. 5) nos diz que:

Para o pequeno leitor, as histórias infantis, como as fábulas, os contos de fadas, propiciam o desenvolvimento cognitivo por meio do processo de representação e construções simbólicas. No caso da literatura de temática afro-brasileira contribui para reflexões que rompem com uma visão construída sob o fundamento das desigualdades, construindo uma visão sob uma base de valorização da diversidade.



Assim, os/as professores/as precisam se conscientizar da necessidade de se trabalhar com obras literárias diversas, que contemple a diversidade étnica e cultural do povo brasileiro e da humanidade, em geral, de forma a despertar “nos pequenos leitores, senso crítico e discernimento com textos específicos” (MARIOSIA; REIS, 2011, p. 49). Na mesma direção, Peixoto (2013, p. 86) ressalta que “a pesquisa e a leitura, nas salas de aula, de obras comprometidas com um viés afirmativo do afrodescendente e de sua cultura é um caminho profícuo a ser trilhado por toda/o profissional de educação”. Profissional esse que necessita de formação inicial e continuada que lhe dê elementos para trabalhar a educação das relações étnico-raciais, como orientam as leis 10.639/03 e 11.645/08 e suas respectivas diretrizes curriculares nacionais.

Para Santana (2006, p. 44):

Dependendo da forma como é entendida e tratada a questão da diversidade étnico-racial, as instituições podem auxiliar as crianças a valorizar sua cultura, seu corpo, seu jeito de ser ou, pelo contrário, favorecer a discriminação quando silencia diante da diversidade e da necessidade de realizar abordagens de forma positiva ou quando silenciam diante da realidade social que desvaloriza as características físicas das crianças negras.

O pensamento de Santana é complementado por Mariosa e Reis (2011, p. 51) ao afirmarem que “a carência da devida valorização das características físicas e culturais dos negros acaba por resultar em rejeição das crianças negras de sua ancestralidade e todos os símbolos a elas relacionados, prejudicando sua identidade em formação”. E de forma negativa influenciando na sua concepção de beleza, de bom, de cidadania e de valores e conceitos morais.

Concordamos com Coimbra (2006, p. 67) que “uma das primeiras necessidades trazidas pela época contemporânea é o repensar acerca do significado do conhecimento, e, particularmente, da educação escolar”. Uma vez que, segundo a referida autora, a estruturação curricular passa a ter um formato mais globalizante, baseada em eixos temáticos, estreitamente articulados com as problemáticas sociais do cotidiano. Onde a construção do conhecimento desloca-se do sujeito individual para os processos coletivos e a diversidade humana torna-se uma referência básica para a prática curricular, manifestando-se através da linguagem e da comunicação.



Se, realmente, pensamos mudar o caráter eurocêntrico e monocultural da educação brasileira, precisamos contemplar no currículo escolar a diversidade étnico-racial e cultural brasileira e da humanidade, e desenvolver abordagens didáticas/pedagógicas nesta perspectiva, desde a educação infantil ao nível superior, isto é, em todos os níveis e modalidades de ensino.

Desafios e perspectivas em se trabalhar a literatura infantil afro-brasileira na escola

Trabalhar a educação das relações étnico-raciais na escola não é uma tarefa fácil. Um desafio que há décadas vem sendo discutido, principalmente, pelas organizações negras brasileiras, em particular, pelas organizações negras baianas, que desde a década de 1970 vem desenvolvendo e colocando em prática, nos espaços onde estão situadas e junto às escolas, abordagens pedagógicas que contempla a diversidade étnico-racial e cultural do povo brasileiro (ARAÚJO, 2013).

Graças à pressão das organizações que compõem o Movimento Negro Brasileiro que em 1995 foi incluso Pluralidade Cultural como tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, e, em 2003, criada a Lei 10.639. Lei a qual estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira na educação do ensino fundamental e médio, nas escolas públicas e privadas do país. E outras políticas afirmativas também são criadas.

É a partir da década de 1970 que o movimento negro, pouco a pouco, consegue dá início ao processo de ressignificação positiva da representação do negro em obras literárias infanto-juvenis, “proporcionando a produção de obras comprometidas em resgatar a identidade racial da criança negra, através da valorização de práticas e valores culturais da população afrodescendente no Brasil” (PEIXOTO, 2011, p. 84). Por outras palavras, é a partir dos anos de 1970 que a atuação de diversas e diversificadas organizações negras que compõem o movimento negro brasileiro, na busca pela ressignificação, resgate e valorização da história e cultura africana e afro-brasileira, pela afirmação da identidade negra, ganha maior visibilidade no cenário nacional brasileiro (ARAÚJO, 2013).

No que se refere à literatura afro-brasileira, conforme os estudos Mérian (2008, p. 51), é a partir dos anos de 1978 que esta, estará sempre vinculada ao diversos movimentos “de recuperação dos elementos constitutivos da identidade



afro-brasileira (mitos, lendas, religiões afro-brasileiras, cosmogonia afro-brasileira)”, assim como “das lutas sociais em prol do reconhecimento dos direitos sociais, educacionais, e econômicos dos negros brasileiros”.

Mesmo com todas as dificuldades para a sua implementação nas escolas, a Lei 10.639/03 é um ganho significativo para os afro-brasileiros. Por meio desta já podemos perceber mudanças importantes no fazer e no pensar educacional dos brasileiros, na perspectiva da educação das relações étnico-raciais.

Se pararmos para refletir perceberemos que a literatura infanto-juvenil trabalhada nas escolas de educação infantil e do ensino fundamental, no Brasil, sempre foram os livros adaptadas dos contos de fadas, ou seja, a partir dos referenciais europeus (JOVINO, 2006; MARIOSA; REIS, 2011), com a lei, muitas escolas da educação infantil passaram a incluir livros da literatura infanto-juvenil afro-brasileira no cotidiano escolar das crianças. Neste sentido, Macedo (2008, p. 78) ressalta que:

A repercussão dos saberes culturais no sistema de saber formal é uma novidade que pode repercutir imensamente na atratividade da escola, na sua qualidade em produzir cidadãos conscientes da realidade local e universal. Pode também dar instrumentos de poder às populações cujos conhecimentos tradicionais são transmitidos apenas por seu próprio esforço informal.

Logo, a Lei 10.639/03 e a 11.645/08, que complementa a primeira incluindo a história e a cultura dos povos indígenas, são de suma importância para a promoção da educação na perspectiva multicultural e antirracista, isto é, para a educação das Relações Étnico-Raciais, como orientam essas leis e suas respectivas diretrizes curriculares nacionais.

A escola como espaço, por excelência, onde a diversidade étnico-racial e cultural se encontra, tem por obrigação colocar em prática uma educação que contemple essa diversidade. Pois, “possibilitar o diálogo entre as várias culturas e visões de mundo, propiciar aos sujeitos da Educação a oportunidade de conhecer, encontrar, defrontar e se aproximar da riqueza cultural existente nesse ambiente é construir uma educação cidadã” (GOMES, 2001, p. 91). Por outras palavras, possibilita a construção de uma educação libertadora, como pautava Paulo Freire.



Contudo, para promovermos uma educação plural, que respeite e contemple a diversidade étnica-racial e cultural do povo brasileiro, precisamos entender e partir da compreensão de que “é comum que os povos se orgulhem de suas histórias, tradições, mitos, e lendas, pois são expressões de sua cultura e devem ser preservadas” (JOVINO, 2006, p. 03). A esse respeito, Silva (2010, p. 01) é enfática ao afirmar que o negro é uma palavra excluída e frequentemente esquecida pela literatura brasileira, “em geral é o elemento marginal”. Quase sempre, apresentado de forma estereotipada, racializado e estigmatizado. E a falta de atenção para com a diversidade étnico-racial e cultural presente na escola tem contribuído para a manutenção do racismo e do preconceito para com os diferentes grupos historicamente discriminados.

Para Peixoto (2013, p 08), contemplar histórias e escritas literárias afro-brasileiras e africanas, no âmbito do ensino literário, significar romper com a perspectiva tradicional do ensino de literatura no Brasil, que apresenta o negro de forma negativa e estereotipada. Também como meio de preencher “a ausência de textos afro-brasileiros, através dos quais escritores assumidamente negros expõem literariamente ideias acerca do racismo e das experiências sociais do negro” na sociedade brasileira.

A escritora e professora Vanda Machado salienta que:

No exercício de educar para a vida, o pensamento africano mantém como tradição as histórias míticas, que podem ser consideradas como práticas educacionais que chamam a atenção para princípios e valores que vão inserir a criança ou o jovem na história da comunidade e na grande história da vida (MACHADO, 2002, p. 03).

A partir desta compreensão podemos afirmar que a Literatura Infantil Afro-Brasileira, quando trabalhada no cotidiano escolar das crianças, contribui significativamente para romper com os modelos de representações que inferiorizam e depreciam os negros e suas culturas. Nesta perspectiva, Mariosa e Reis (2011, p. 50) enfatizam que “é importante romper com padrões sociais cristalizados e com as práticas invisíveis de reforço negativo”.

Silva (2010, p. 04) ressalta que:

Para que a literatura de matriz africana encontre espaço no universo escolar, se faz necessário um maior conhecimento por parte dos



professores dessa literatura, com o objetivo de desenvolver práticas pedagógicas transformadoras, que contribuam para a legitimidade das várias culturas e respeito à pluralidade cultural e religiosa.

Os profissionais que atuam na escola, desde o porteiro até o gestor, necessitam de formação inicial e continuada que lhes deem elementos para desenvolver suas atividades, onde o respeito à diferença seja o princípio básico. Pois, “para que haja mudança de postura e possa intervir nos conflitos, todos precisam conhecer e perceber-se enquanto sujeitos que não estão imunes a praticar e/ou sofrer atos racistas, preconceituosos e/ou discriminatórios” (ARAÚJO, 2013, p. 130).

São muitos os obstáculos que impede pôr-se em prática a educação das relações étnico-raciais como estabelecem as Leis 10.639/03 e 11.645/08, e suas respectivas diretrizes curriculares. Romper com esses obstáculos não é uma tarefa fácil, os desafios são muitos, porém não é impossível. Nesta direção, como enfatiza Gomes (2003, p. 74), “avançar na construção de práticas educativas que contemple o uno e o múltiplo significa romper com a idéia de homogeneidade e unificação que ainda impera no campo educacional”. Acrescenta a autora, citada, “representa entender a educação para além do seu aspecto institucional e compreendê-la dentro do processo de desenvolvimento humano” (GOMES, 2003, p. 74). Portanto,

Independentemente do grupo social e/ou étnico-racial a que atende, é importante que as instituições de Educação Infantil reconheçam o seu papel e função social de atender às necessidades das crianças constituindo-se em espaço de socialização, de convivência entre iguais e diferentes e suas formas de pertencimento, como espaços de cuidar e educar, que permita às crianças explorar o mundo, novas vivências e experiências, ter acesso a diversos materiais como livros, brinquedos, jogos, assim como momento para o lúdico, permitindo uma inserção e uma interação com o mundo e com as pessoas presentes nessa socialização de forma ampla e formadora (SANTANA, 2006, p. 35).

A escola e os profissionais que atuam, direta ou indiretamente, com o processo educacional precisam, de forma comprometida, trabalhar e desenvolver Metodologias didáticas/pedagógicas de inclusão e valorização do ser humano, em seus vários aspectos, cultural, étnico-racial, gênero, religioso, sexual, entre outros.

Araújo e Morais (2013), no artigo intitulado “Ressignificando a história e a cultura africana e afro-brasileira na escola”, ponderam que a discussão acerca das Africanias.com, 05 (2014).



culturas africanas e afro-brasileiras faz-se necessária, principalmente, se a concebermos como culturas marginalizadas, inferiorizadas, folclorizadas e estereotipadas que precisam ser revistas, rediscutidas, memoradas e ressignificadas. Os referidos autores salientam ainda que sendo a escola um espaço onde a diversidade se faz presente, um local onde os diferentes sujeitos se encontram, assim como uma zona de conflito permanente, já que diferentes culturas se correlacionam, tem por obrigação referenciar e tornar visíveis em seu currículo essa diversidade de sujeitos e culturas.

Portanto, sendo a escola um espaço de vivência, onde crianças de diferentes grupos étnicos e culturais estabelecem relações uma com as outras, torna-se responsável pelo processo de socialização dos meninos e meninas que ao deixar o meio familiar e adentrar em uma nova estrutura social passam a ter um contato mais amplo com a diversidade; a interagir com diferentes grupos étnicos e culturais; a perceber-se como parte integrante dessa diversidade e construir suas características próprias: modo de agir, pensar, sentir e ver o mundo, importantíssimo na construção da sua identidade.

Considerações finais

Em linhas gerais pode-se dizer que trabalhar a Literatura Infantil Afro-Brasileira, na Educação Infantil, é um ganho muito significativo para a autoestima e construção da identidade étnica-racial positiva nas crianças negras. Também para a valorização da cultura negra e desconstrução de estereótipos e preconceitos sobre os africanos e seus descendentes no Brasil, assim como no combate ao racismo arraigado na sociedade brasileira desde os primórdios da construção do país. Racismo que de forma sutil, velado e silencioso se faz presente no cotidiano dos sujeitos e em todos os espaços sociais, entre esses, o espaço escolar.

Acreditamos que o ser humano, enquanto sujeito histórico e social, está preso a uma relação de poder que influencia na sua formação intelectual e identitária, inculcada através da(s) cultura(s) que permeiam o grupo social do qual o indivíduo faz parte. Por outras palavras, desde seu nascimento até sua morte o sujeito sofrerá influência do ambiente físico e social em que vive. Daí a necessidade de se trabalhar



na escola abordagens didáticas/pedagógicas que respeita a pluralidade de sujeitos e culturas presente em seu espaço e a singularidade de cada um.

Acreditamos também que a literatura infantil atrelada à contação de história, notadamente no contexto da sala de aula, é de suma importância para o desenvolvimento cognitivo e social da criança. E quando usada na perspectiva multicultural e antirracista, poderoso instrumento de desconstrução de estereótipos e preconceitos racistas, de combate ao racismo e à discriminação racial, sexual, religiosa, de gênero, e outras.

Enfim, é necessário que as instituições de Educação Infantil, de Ensino Fundamental, de Ensino Médio e de Ensino Superior, isto é, todos os níveis e modalidades de ensino promovam uma educação voltada para a valorização do ser humano, que estimule a formação de valores, hábitos, costumes e comportamentos saudáveis no conviver com o outro, igual ou diferente. Pautada no respeito às diferenças, seja ela qual for – étnica-racial, cultural, religiosa, sexual ou qualquer outra forma de diferenciação social. Onde a diversidade humana seja vista e respeitada na sua essência, explorada na sua riqueza, de forma a possibilitar os diferentes grupos étnico-raciais e culturais se relacionarem de forma harmoniosa e contribua para a desconstrução de estigmas, estereótipos e preconceitos ainda enraizados no seio da sociedade brasileira.

Referências

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil**. São Paulo: Scipione, 1993.

AMARILHA, M. **Estão mortas as fadas?** Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes. 1997.

ARAÚJO, J. A. **A atuação das Organizações Negras Baianas no campo da educação no período de 1970 a 1990**. Dissertação (Mestrado em educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013.

_____. O trato pedagógico dispensado pela escola da educação infantil a diversidade étnica e cultural que frequenta o seu espaço. **Anais**. XX Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste. Manaus: UFAM, 2011.

_____. Relações Étnico-Raciais e Educação Infantil: conflitos e tensões. **Anais**. II Congresso Baiano de Pesquisadores Negros. Feira de Santana: UEFS, 2009.



ARAÚJO, J. A.; MORAIS, R. S. Resignificando a história e a cultura africana e afro-brasileira na escola. **Revista Artíficos**, v. 3, n. 6, dez./2013.

ARROYO, L. **Literatura Infantil Brasileira**: ensaios de preliminares para sua história e fontes. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

BARREIROS, R. C. Leitura e formação identitária na literatura infantil afrobrasileira. **Anais. II Seminário Nacional em Estudos da Linguagem, Diversidade, Ensino e Linguagem**. Cascavel: UNIOESTE, 2010.

BETTELHEIN, B. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. ed. 16. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BORSA, J.C. O papel da escola no processo de socialização infantil. **Psicologia.Com.PT**, 2007. Disponível em: <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0351.pdf>>. Acesso em: 02 set./2013.

CANDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. (Orgs.). **Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas**. ed. 4. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 13-37.

CAVALLEIRO, E. S. Discriminação racial e pluralismo em escolas públicas da cidade de São Paulo. In: BRASIL, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: MEC/SECAD, 2005. p. 65 – 104.

_____. Discursos e práticas racistas na educação infantil: a produção da submissão social e do fracasso escolar. **Cad. Educação**, n. 3, p. 43-56, mar./2001.

COELHO, B. **Contar história**: uma arte sem idade. São Paulo: Ática 1991.

COELHO, N. N. **Literatura Infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COIMBRA, I.. Educação Contemporânea e Currículo Escolar: alguns desafios. **Candomba**, Revista Virtual, v. 2, n. 2, p. 67-71, jul-dez 2006. Disponível em: www.revistas.unijorge.edu.br/candomba/2006v2n2/pdfs/lvaneDantasCoimbra2006v2n2.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2011

CUCHE, D. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**, Lisboa: Fim de Século, 1999.

CUNHA, M. A. A. **Literatura infantil**: teoria & prática. 18. ed. São Paulo: Ática, 2003.

GOMES, N. L. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, E. S. (Org.). **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 83- 96.



_____. Educação e diversidade étnico-cultural. In: RAMOS, M. N.; ADÃO, J. M.; BARROS, G. M. N. (Coords.). **Diversidade na educação: reflexões e experiências**. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2003. p. 67 - 76.

HALL, S. Identidade Cultural na Pós Modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JOVINO, I. S. Literatura Infanto-Juvenil com personagens negras no Brasil. In: Souza, F.; LIMA, M. N. (ORGs.). **Literatura Afro-Brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. p. 180-217.

LIBÂNEO, J. C. Uma escola para novos tempos. In: LIBÂNEO, Jose Carlos. **Organização e Gestão da Escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2004.

MACEDO, C. A. Programa Cultural para o Desenvolvimento do Brasil. IN: BARROS, J. M. (Org.). **Diversidade Cultural: da proteção a promoção**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 76-87.

MACHADO, V. **Mitos afro-brasileiros e vivências educacionais**. Salvador: EDUFBA-SMEC, 2002.

MARIOSAS, G. S.; REIS, M. G. A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças. **Est. Literária**, v. 8, p. 42-53, dez./2011.

MÉRIAN, J. Y. O negro na literatura brasileira *versus* uma literatura afro-brasileira: mito e literatura. **Navegações**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 50-60, mar. 2008.

PEIXOTO, F. L. **Literatura Afro-brasileira**. Salvador: Programa A Cor da Bahia, FFCH/UFBA, 2013.

SANTANA, P. S. Educação Infantil. BRASL, Ministério da Educação/ Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006. p. 30-49

SILVA, F. S.; VILAR, S. **A fantasia dos contos de fadas no cotidiano da sala de aula**. João Pessoa: Centro de Educação da UFPB, 2002.

SILVA, M. R. A literatura infanto-juvenil de matriz afro-brasileira. **Cadernos Imbondeiro**. João Pessoa, v.1, n.1, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

